

Yuri Firmeza > **Alçar Voos: considerações acerca dos ninhos e das térmicas**

Resumo

Texto lido em voz alta, como ato de fala, durante o IV Seminário de Pesquisadores do PPGARTES da UERJ, “Vômito e não: práticas antropológicas na arte e na cultura”, no Rio de Janeiro, em agosto de 2012. Precedeu à leitura do texto, a apresentação de um vídeo com a Orquestra de Barro Uirapuru (Cascavel, CE). Durante a leitura, 30 urubus foram levados para o saguão central da universidade, onde coreografaram voos em semicírculo.

Palavras-chave: Urubus. Uirapuru. Vômito. Escrita experimental.

Abstract

This text was read outloud as a speech act during the event IV Seminário de Pesquisadores do PPGARTES da UERJ, ‘Vômito e não: práticas antropológicas na arte e na cultura’, in Rio de Janeiro, August of 2012. A video of the Orquestra de Barro Uirapuru (from Cascavel, state of Ceará) was screened preceding the oral presentation. During the reading, 30 vultures were brought to the central university hall, where they choreographed half-circle flights.

Keywords: Vultures. Uirapuru. Barf. Experimental writing.

1.

Um plano. Deste plano irrompem formações rochosas. Monólitos – de formação milenar e heterogênea, portanto histórica e múltipla – isolados na paisagem, como a esgarçassem abruptamente a terra árida onde se encontram. Ou, ao contrário, como se tivessem sido arremessados por enormes catapultas e, ao caírem, fincaram-se no solo. Corpos maciços que brotam da terra. Corpos porosos que são atravessados pelo vento. Irrupções irregulares que “descontinuam” a linha do horizonte. Não apenas estão isolados na paisagem ou compõem a paisagem; são paisagem. Fissura.

Estas rochas, expostas sob o sol – que muitas vezes estilhaça o próprio solo –, emanam calor, proporcionam movimentos de ar quente e contrastes de temperatura. Não raro, quando com um parangolé asa-delta voamos sobre o pão de açúcar, entramos em térmicas que nos suspendem e sustentam o nosso tempo de voo. Como sabemos, é preciso, para garantir nosso ganho de altitude, entrar no contrafluxo das térmicas. Se ela gira em sentido anti-horário, logo entraremos em sentido horário, e vice-versa.

Também não é preciso muita sorte para nos depararmos com alguns pássaros planadores, de envergaduras distintas, a bailarem exatamente sobre o ápice destes blocos rochosos. Nem sequer batem as asas; mas há uma voragem inebriante nesse gesto mínimo.

Talvez, a ave planadora mais conhecida entre nós seja a *Coragyps atratus*. Seus movimentos circulares, em espiral, seus momentos de recuo, de aparente repouso e pausa em meio às nuvens, suas curvas alongadas, seu dispêndio mínimo de energia enquanto flutua, suas rasantes, suas composições constelares e suas zen-acrobacias. Ora, mas quem diria que esse animal tão encantador pela sutileza de seu voo é necrófago? Sim, dança com o vento e com a morte. Quem nunca contemplou a dilatação do tempo produzida pelo voo de um urubu? Ou, ainda, quem nunca quis ser um urubu? Quem nunca quis voar como um urubu? E alimentar-se da putrefação do outro, quem já quis? Devorar a decomposição e lambe o bico, quem ousa? Arrancar a couraça fétida, deliciando-se com as vísceras fumegantes de um corpo qualquer, quem deseja?

É bom sabermos que, para alçar voos ágeis – destes que estamos admirando – os urubus, diante de algum perigo, vomitam. Igualmente, em situações de risco, para se defenderem de seus predadores, vomitam e projetam sopros – baforadas de magmas odoríficos insuportáveis (à semelhança das najas africanas ao borrifarem seu veneno).

Há, aqui, uma consideração a ser feita.

O vômito é o movimento pelo qual somos forçados a expelir, em refluxo, aquilo que o corpo rejeita. Portanto, é um movimento involuntário. Em alguns casos, podemos no máximo desconfiar do

seu acontecimento vindouro, e, quiçá, chegarmos até o banheiro. De cócoras sentimos o nosso corpo revirar-se, como se nosso interior estivesse se invertendo para dar passagem àquela gosma ácida que vemos projetar-se pela boca e pelas narinas. Ficamos zonzos, com náuseas, desidratados na espera que o mal-estar amenize.

Esta imagem em nada se assemelha à fluidez que o vômito garante aos urubus. Eles ganham agilidade, nós ficamos mareados. Eles surpreendem com o vômito, nós somos surpreendidos por ele. Eles expõem a carnificina que comeram, nós somos expelidos pelas toxinas que não suportamos – e há tempos perdemos a dimensão do que é insuportável.

O urubu, ao contrário de nós, voluntariamente regurgita. O seu cheiro institui o seu território – como se ele fincasse uma placa onde podemos ler em letras garrafais: MANTENHA DISTÂNCIA. A placa do urubu é o ato de regurgitar. E, dentre os urubus, é o urubu-rei, embora sociável, o mais arredo e solitário dos urubus. Ademais, em ocasionais encontros durante os banquetes, os urubus de outras espécies mantêm respeitosa distância em relação ao urubu-rei, que é o primeiro a deliciar-se na carcaça.

Há, também, outro momento no qual os urubus regurgitam. Trata-se de quando alimentam os seus filhotes. Estes últimos – os filhotes – comem carnificina ingerida e regurgitada pelos seus genitores. Outra matéria expelida por essas aves, com o intuito de garantir o equilíbrio de sua temperatura interna, são as fezes. Porém, ao contrário do regurgito, os urubus defecam sobre seu próprio corpo para que ocorra uma termorregulação: não se trata, aqui, de um mecanismo de defesa contra um predador, mas de adaptar o ambiente interno às condições externas. Um procedimento de inter-relação, corpo-ambiente.

Por fim, seria demasiado encantador se do bico que ingere decomposição percorressem melodias harmoniosas. No entanto, os urubus não cantam. Os únicos sons que produzem decorrem do movimento de abrir e fechar as asas e da resistência do ar contra elas.

É verdade, os urubus não cantam – quem cantam são os uirapurus – mas, ainda sem cantar, esses comedores de carniça me encantam. (Esta rima tola é para ser acompanhada por um grave zumbido de asas “navalhando” o céu).

2.

Um invisível. Uma massa compacta, densa e verde. Do alto quase não se percebe as nuances. As linhas ziguezagueantes entrecortam esse estranho e enorme musgo. Em voo picado – como o do falcão-peregrino ou dos kamikazes – as tonalidades se diferenciam: verde-oliva, verde-broto, verde-lima, verde-bandeira, verde-mar, verde. Dar a ver.

Irrequieto, o uirapuru move-se agilmente em meio às folhagens. Ziguezagueante como os rios que cortam a floresta, saltita para lá e para cá sem arriscar-se em longos trajetos. Pássaro de porte pequeno, no entanto, de tamanho imensurável. Alimenta-se

basicamente de insetos e frutas. Ave sorradeira até o momento que sua siringe a denuncia. Não é preciso ser ornitólogo e tampouco ter ouvido absoluto para perceber que ele está ali. Designada sua presença, continua invisível. Maravilhados e estarecidos, os outros pássaros se aquietam e o espreitam cantar. Por um momento, a polifonia da mata é paulatinamente silenciada para dar a ouvir a corneta embriagante do uirapuru (e lembremos que corneta é um dos nomes populares deste pássaro). Sua desmesura transborda, nos poucos dias que canta, por toda a mata e o faz detentor de inúmeras crenças e incríveis lendas. Uma destas lendas conta que duas índias eram apaixonadas pelo mesmo índio, e cabia a ele escolher com qual delas ficar. O índio prometeu ficar com a pretendente que tivesse melhor pontaria. A perdedora pôs-se a chorar e suas lágrimas viraram uma fonte e um riacho. Compadecido, Tupã a transformou em um pássaro para que encantasse a todos que a ouvissem e apaziguasse o seu sofrimento. Outra lenda conta que um índio apaixonou-se pela mulher de um cacique e, convencido da impossibilidade desse amor, pediu a Tupã para lhe transformar em uma ave com o intuito de se aproximar de sua amada. Daí originou-se o uirapuru, que, ao cantar, envolveu o cacique em sua melodia, fazendo-o persegui-lo floresta adentro para aprisioná-lo. Durante essa perseguição, o cacique se perdeu e, desde então, o uirapuru retorna todas as noites cantando harmoniosas melodias e almejando ser reconhecido por sua amada. Crê-se, devido a estas lendas, que o uirapuru morto – ou pedaços do seu ninho – é um exímio talismã. Um amuleto de superstições abrangentes que, dentre outras crenças, tanto concretiza desejos amorosos quanto atrai fregueses aos comerciantes que o possuem. Há, porém, uma lenda que em especial me fascina. Trata-se do encontro desta ave – o Uirapuru – com o Urubu. Certo urubu, ao adentrar numa térmica, ganha altitude inatingível por um pássaro. Os movimentos circulares de grande raio – habitado pelo urubu – tornam-se espirais ascendentes de mínima circunferência. O vórtice no qual a ave se encontra tem o formato de um cone cujo raio da circunferência diminui na proporção em que ganha altitude. No cume desse vórtice, a girar em torno do seu próprio eixo, o urubu, já desnordeado, ouve o canto do uirapuru e, como uma flauta mágica, esta melodia consegue desgarrá-lo do redemoinho que o havia capturado. Em um voo rasante, o urubu encontra o uirapuru caído ao chão com sua caixa torácica escancarada ao céu. Do centro de seu peito, ainda moribundo, emerge a térmica que, outrora, enlaçou o urubu. Sem pestanejar, o urubu devora os órgãos ainda pulsantes do pequeno uirapuru. Nesse momento, um canto fúnebre adensa esse encontro e crava, naquela floresta, o nascimento do uirapuru-rei.

3.

Um espaço.

Marreca-de-coleira. Marreca-oveira. Marreca-arrebio.
 Marreca-cricri. Marreca-colorada. Marreca-colhereira.
 Marreca-pé-na-bunda. Pinguim-rei. Pinguim-de-penacho.

Pinguim-de-testa-amarela. Pinguim-de-magalhães. Piau-preto. Piau-de-costa-clara. Albatroz-de-nariz-amarelo. Albatroz-de-sobrançelha. Albatroz-de-cabeça-cinza. Albatroz-arisco. Albatroz-real. Albatroz-real-do-norte. Albatroz-gigante. Petrel-gigante. Petrel-gigante-do-norte. Pardelão-prateado. Pomba-do-cabo. Grazina-de-bico-curto. Petrel-de-kermadec. Fura-bucho-de-cara-cinza. Grazina-mole. Diablotin. Grazina-de-barriga-branca. Grazina-de-cabeça-branca. Petrel-azul. Faigão-de-bico-largo. Faigão-rola. Faigão-de-bico-fino. Alma-negra. Pardela-cinza. Pardela-preta. Pardela-de-óculos. Bobo-grande. Bobo-de-cabo-verde. Bobo-escuro. Bobo-grande-de-sobre-branco. Bobo-pequeno. Pardela-pequena. Painho-de-barriga-branca. Painho-de-barriga-preta. Alma-de-mestre. Painho-de-cauda-furcata. Painho-da-ilha-da-madeira. Petrel-mergulhador-de-magalhães. Pelicano-pardo. Atobá-do-cabo. Atobá-australiano. Biguá-das-Shetlands. Garça-caranguejeira. Garça-real-europeia. Garça-roxa. Garça-azul-grande. Garça-negra. Colhereiro-europeu. Flamingo-chileno. Flamingo-grande-dos-andes. Condor-dos-andes. Águia-pescadora. Gavião-tesoura. Sauveiro-do-norte. Gavião-de-asa-larga. Gavião-papa-gafanhoto. Esmerilhão. Falcão-peregrino. Jaçanã-preta. Pernilongo-de-costas-brancas. Teu-téu-da-savana. Perdiz-do-mar. Batuiruçu. Batuiruçu-de-axila-preta. Batuíra-de-bando. Batuíra-melodiosa. Batuíra-bicuda. Batuíra-de-coleira-dupla. Batuíra-de-peito-tijolo. Batuíra-de-papo-ferrugíneo. Narceja-de-costas-brancas. Maçaricão-de-bico-virado. Fuselo. Maçaricão. Maçarico-esquimó. Maçarico-do-campo. Maçarico-de-perna-amarela. Maçarico-grande-perna-amarela. Maçarico-de-perna-amarela. Maçarico-solitário. Maçarico-de-asa-branca. Maçarico-pintado. Maçarico-sovelo. Vira-pedras. Maçarico-de-papo-vermelho. Maçarico-branco. Maçarico-rasteirinho. Maçariquinho. Maçarico-de-sobre-branco. Maçarico-de-bico-fino. Maçarico-de-colete. Maçarico-pernilongo. Maçarico-acanelado. Combatente. Pisa-nágua. Falaropo-de-bico-grande. Mandrião-grande. Mandrião-chileno. Mandrião-do-sul. Mandrião-antártico. Mandrião-pomarino. Gaivota-rapineira-comum. Mandrião-de-cauda-comprida. Gaivota-de-rabo-preto. Gaivota-de-Delaware. Gaivota-alegre. Gaivota-de-franklin. Trinta-réis-miúdo. Trinta-réis-róseo. Trinta-réis-boreal. Trinta-réis-antártico. Trinta-réis-ártico. Papa-lagarta-de-bico-preto. Papa-lagarta-de-asa-vermelha. Bacurau-norte-americano. Andorinhão-migrante. Guaracava-de-crista-branca. Maria-fibiu. Piui-boreal. Piui-verdadeiro. Príncipe. Colegial. Maria-preta-acinzentada. Maria-preta-do-sul. Bem-te-vi-de-barriga-branca. Suiriri-valente. Noivinha-coronata. Gaúcho-chocolate. Bandeira-do-campo. Corta-ramos. Andorinha-chilena. Andorinha-azul. Andorinha-do-sul. Andorinha-do-barranco. Andorinha-de-bando. Andorinha-de-dorso-acanelado. Sabiá-norte-americano. Sabiá-de-cara-cinza. Sabiá-de-óculos. Calhanda-de-três-rabos. Sanhaço-vermelho. Sanhaço-escarlate. Diuca. Rei-do-bosque. Furriel. Papa-capim-americano. Mariquita-amarela. Mariquita-de-perna-amarela. Mariquita-papo-de-fogo. Mariquita-azul. Mariquita-de-garganta-preta. Mariquita-protonotária. Mariquita-de-rabo-vermelho. Mariquita-boreal. Mariquita-de-connecticut. Corrupião-de-baltimore. Peito-vermelho-grande. Triste-pia.



Fig. 01: Fotografia,
Yuri Firmeza.

4.

Um espelho. Corpo movente que distorce o que reflete. Rastros que se deslocam em linhas simétricas. O grave estrondo das ondas. A tormenta das marés. O deserto oceânico. A perda de referência. O pássaro, ao tangenciar o volume de água, molha o seu peito que, salinizado, evoca deuses. Linhas tortuosas insurgem por todos os lados. Cataclismos, erupções e espumas. Marulho.

As migrações de certas espécies são voluntárias como o reurgito dos urubus. Esses deslocamentos repetem-se de maneira sazonal. O clima adequado, as condições para se reproduzirem, o território propício, a escassez e a fartura de alimento fazem com que estas aves voem ininterruptamente por horas e até mesmo dias. É o caso, por exemplo, da *Callovina Baelis* que voa, entre geografias bem demarcadas, cerca de quarenta e cinco mil quilômetros por ano. Há, também, as aves limícolas cujo percurso margeia o litoral e são guiadas pela abundância de *limus* e pelos artrópodes que ali habitam. Vale ressaltar que estas migrações são coletivas. As aves não migram solitariamente para se aventurar em lugares aleatórios. Elas partem em revoada com seus trajetos definidos. Elas têm uma meta.

Porém, há, aqui, mais uma consideração a ser feita.

Por vezes, mesmo com todas as condições ideais para a permanência dos pássaros em seus habitats, eles optam por migrar. Deduz-se, assim, que outras causas ativam esse ímpeto de deslocamento. É o caso, por exemplo, das glândulas que produzem hormonas e que incitam as aves a alçarem voos para territórios longínquos. Estas aves, em algum momento, refazem o seu trajeto em sentido inverso. Nessa odisseia, os pássaros cruzam fronteiras, produzem intersecções, borram os limites e retornam para onde partiram. Mas eis que o **de onde partiram** e **aquele que partiu** já não se assemelham àquele que pensa ter chegado ao local onde pousou. É preciso frisar que existem incógnitas acerca desses movimentos coletivos.

É recorrente, durante tais travessias, a aparição de um pássaro flamejante e solitário – que sob o ponto de vista do solo é indiscernível. Esta ave contrapõe-se à Formação em Delta da revoada; atravessa-a sem titubear. Austero, esse pássaro torna irrisório todo

sincronismo orquestrado pela ave batidora. Desacostumadas a voar solitariamente e surpreendidas por essa aparição repentina, as aves entram em colapso. O oceano, sobre o qual voavam em travessia, torna-se uma grande pluma.

Essas aves, que necessitam demasiadamente das **massas** para operar, viram reféns dos outros e, sobretudo, de si. O bando torna-se muleta, perna gangrenada que estanca ao invés de fazer voar. Pássaros de revoada, como ovelhas de rebanho. Almejam ter, mesmo em rodízio, uma ave batidora conduzindo o percurso. Vivem na esteira, literalmente sob as asas, de outrem. Serviços temerosos aos senhores pastorais. E, dependentes que são, tornam-se presas fáceis para seus predadores. Sim, dependentes e fiéis aos pastores – e os pastores são ubíquos; estão por todos os lados, a começar, em nós.

Ouve-se, enquanto os pássaros **abismam** em direção ao oceano, o mesmo canto fúnebre que outrora se alastrou pela floresta. Seguido de estrondoso silêncio, vemos o uirapuru-rei planar como um exímio acrobata-bailarino por entre as sólidas nuvens e nelas desaparecer. Pássaro informe, para além das capacidades camaleônicas de se camuflar entre as nuvens, torna-se nuvem enquanto a chuva de pequenas andorinhas não cessa de cair. Ao término do verão, o uirapuru-rei torna-se inverno e aguarda, de bico escancarado, a migração pós-nupcial. Entre os procedentes do verão, estão as *Sino Tinus*, predestinadas a construir seus ninhos na ilha de Lampedusa. Sabe-se que as *Sino Tinus* são suscetíveis aos ventos e que as massas de água as impossibilitam de planar. Já o uirapuru-rei é capaz de criar as suas próprias térmicas, produzir os seus ventos e voar com destreza nas mais adversas condições climáticas. Ele não apenas se adapta às condições externas, mas as inventa. Imune aos lisonjeios, arredio aos pastores e zombeteiro com os rebanhos, o uirapuru-rei é uma ave desnidificadora. Há quem diga que certa vez foi capturado e submetido à anilhagem. Porém, nunca foi visto nenhum anel de marcação em suas pernas. Sendo assim, originaram-se duas hipóteses: a primeira defende que o anel soltou-se de sua perna. Argumentam que não pressionaram o anel devidamente por conta da força deste animal em querer libertar-se. A outra hipótese atesta que jamais o capturaram.

O uirapuru-rei desnidifica a si.